



## **Pensar o arquivo, insistir na cidade**

*Thinking the archive, insisting within the city*

*Pensar el archivo, insistir en la ciudad*

MACHADO, Bruno Amadei<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
bruno@brunomadei.com  
ORCID ID: 0000-0003-0068-8530

Recebido em 31/10/2021 Aceito em 01/04/2022



## Resumo

*Este trabalho reflete sobre algumas das pressões que envolveram a pesquisa da documentação mantida pela empresa canadense Brazilian Traction, Light and Power Company, mais conhecida como Light. Já é sabido que a Light deteve o monopólio de algumas das principais redes técnicas urbanas do eixo Rio-São Paulo, exercendo papel determinante no grau das transformações, na mobilidade dos seus habitantes e nos vetores de expansão observados nas duas maiores cidades brasileiras ao longo da primeira metade do século XX. Por outro lado, para além dos nós rígidos que tensionam os domínios do urbano com a história de empresas de utilidade pública, que efeitos a virada arquivística é capaz de suscitar sobre as questões que formulamos, bem como a maneira como produzimos e divulgamos pesquisas sobre as cidades? Recorrendo à materialidade do arquivo físico enquanto experimenta a cidade e vice-versa, os fragmentos aqui trazidos ensaiam um dizer Arquivo que diz Estado e Cidade, que por sua vez também diz de certas violências: promessas de conservação, ameaças de destruição, esforços de memória e esquecimento, acessos, autorizações e insistências.*

**Palavras-Chave:** arquivos, redes urbanas, empresas multinacionais, história urbana

## Abstract

*This work reflects on some of the pressures involved in researching the documentation kept by the Canadian firm 'Brazilian Traction, Light and Power Company,' better known in Brazil simply as 'Light'. It is well known that Light held monopolies for some of the principle urban networks in the Rio de Janeiro-São Paulo axis, and that the company played a leading role in transforming urban environments, affecting population mobility, and expanding development vectors in Brazil's largest cities during the first half of the twentieth century. Beyond the strong ties that link the urban domain to the history of public utility companies, what effects can archival turning have on the questions presented in this article, as well as on the ways in which we conduct and present research on cities? Addressing the materiality of physical archives while experimenting the city, and vice versa, the fragments presented in this article rehearse a way of articulating the archive that reflects on the state and the city, while also articulating certain forms of violence: promises of conservation; threats of destruction; efforts of remembering and forgetting; and forms of access, authorization and insistence.*

**Key-Words:** archives, urban networks, multinational companies, urban history

## Resumen

*Este trabajo reflexiona sobre algunas de las presiones implicadas en la investigación en la documentación mantenida por la empresa canadiense Brazilian Traction, Light and Power Company, más conocida como Light. Es de conocimiento que Light tenía el monopolio de gran parte de las redes de tendido en el eje Rio de Janeiro-São Paulo, teniendo un rol determinante sobre el grado de transformaciones, la movilidad de sus habitantes y los vectores de desarrollo observados en las ciudades más grandes de Brasil a lo largo del siglo XX. Al mismo tiempo, más allá de los nudos que enlazan los dominios de lo urbano con las empresas de servicios públicos, ¿qué efectos tiene el giro archivístico sobre las cuestiones que formulamos, así como sobre como elaboramos y divulgamos investigaciones en torno a las ciudades? Abordando la materialidad del archivo físico en tanto que experimenta la ciudad y viceversa, los fragmentos presentados ensayan un decir Archivo que dice Estado y Ciudad, que a su vez dice sobre ciertas violencias: promesas de conservación, amenazas de destrucción, esfuerzos de memoria y olvido, accesos, autorizaciones e insistencias.*

**Palabras clave:** archivos, redes urbanas, compañías multinacionales, historia urbana



## 1. Introdução

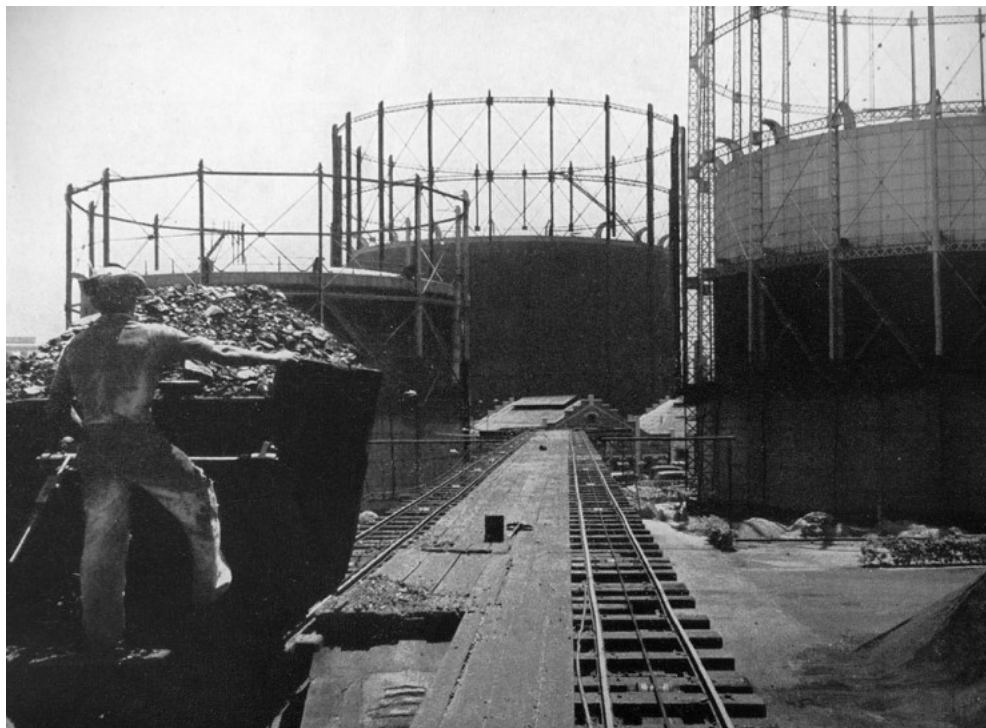
“O turista canadense no Rio ou São Paulo não precisa ir longe para buscar vestígios da Light, outrora o maior investimento canadense no exterior”. Esta constatação surge no fim do livro *“The Light: Brazilian Traction, Light and Power Company Limited 1899-1945”*, publicado em 1988 pelo historiador Duncan McDowall. Por anos, McDowall recorreu a arquivos no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Europa e, sobretudo, na antiga sede da Light em Toronto para elaborar aquilo que afirmou ser uma história não-oficial do Grupo Light (MCDOWALL, 2008, p. 22). Desde então, sua obra tornou-se um ponto de passagem obrigatório aos que se debruçam na história da empresa, mas também dos territórios onde ela operou. Tendo mantido sob seu monopólio alguns dos mais importantes serviços de utilidade pública nas duas maiores cidades brasileiras, muitos autores já demonstraram a importância da história do Grupo Light na compreensão do papel das redes técnicas no desenvolvimento urbano brasileiro, em especial na provisão de eletricidade, iluminação pública, gás, telefonia e transportes coletivos (WEID, 2017; SANTOS, 2009; LOBO & LEVY, 2008; LAMARÃO, 2002; SZMRECSÁNYI, 1989; ABREU, 1988; SEABRA, 1986).

Originalmente voltado ao leitor canadense, é sintomático que McDowall termine o posfácio de sua obra se dirigindo ao estrangeiro que visita o Brasil. Ao mesmo tempo, sua constatação também é cara ao pesquisador brasileiro, pois indica à sua maneira questões já consagradas no pensamento sobre o urbano, tais como a atuação do capital internacional e dos grupos de poder, a adoção de modelos gestados no Hemisfério Norte e a reflexão acerca dos artefatos industriais que, patrimonializados ou não, ainda despontam na paisagem das cidades.

Distanciando-se destes temas sem deixar de tê-los no horizonte, este artigo ensaia o caminho oposto: aquele do pesquisador brasileiro que busca vestígios da Light no seu país de origem e no seu arquivo primeiro. Combinando fragmentos visuais, registros de mensagens trocadas e descrições de ritos burocráticos vivenciados tanto em casa como no estrangeiro, as próximas páginas buscarão operar o *arquivo* e o *arquivar*, sublinhando algumas das pressões que envolvem seu acesso, conservação e destruição, bem como a criação de outros novos. Pois ao assumirmos o arquivar enquanto evento que, além de registrar o que é criado, também é capaz de criar a partir do registro, que outras formas de conhecer e transmitir estão em jogo? Em última instância, de que maneira a reflexão arquivística atravessa disciplinas e sugere novas questões para os estudos sobre as cidades?

À guisa de conclusão, a última parte experimenta um breve retorno à cidade, buscando e imaginando vestígios da rede do gás no Rio de Janeiro, outrora operada pela Light (Figura 1). Retomando a problemática do arquivo através de outros suportes e temporalidades, um gesto será feito no sentido de sublinhar ausências, exercitar presentes e desestabilizar registros.

**Figura 1:** Aspecto do interior da Fábrica de São Cristóvão, vendo ao fundo três tanques de armazenamento (gasômetros). A fábrica foi responsável pela produção e distribuição de gás manufacturado à cidade do Rio de Janeiro ao longo de quase cem anos, dos quais mais da metade sob o domínio da Light (1911-1969).



Fonte: B.T.L.&P. Co. Ltd. 39th Annual Report, 1951. Brascan Fonds, vol. 662. Library and Archives Canada (LAC).

## 2. Pensar o arquivo

[Segunda-feira, 22 de janeiro de 2018, 00h50]

*We acknowledge receipt of your request. Please be assured that your request for retrieval of archival material will be processed within 5 business days and we will contact you to confirm it. Incomplete or incorrect references may result in delays.*

[Segunda-feira, 22 de janeiro de 2018, 14h31]

*Your appointment has been booked for Tuesday, Feb. 6th at 10 a.m. Please proceed to the Reference room located on the second floor (left hand side) and I will meet you there.<sup>1</sup>*

**Terça-feira, 6 de fevereiro de 2018, 10h da manhã.** Calçava botas nada apropriadas para os dez graus negativos. O couro ainda úmido, manchado pela mistura de lama, neve e sal pisados ao chegar em Ottawa na noite anterior. A cada passo que dava no chão de mármore, sentia carregar nos sulcos da sola os pedriscos que eram lançados sobre as calçadas, uma proteção extra contra os escorregões que acometem quem se arrisca a caminhar pela cidade durante o inverno.

---

<sup>1</sup> Com relação aos excertos em língua estrangeira, optou-se por sempre inserir a tradução livre no corpo do texto. Títulos de formulários e nomes de empresas foram preservados na língua original, garantindo-se também o anonimato das mensagens trocadas por e-mail com terceiros.

A ritualística começara meia hora antes da chegada da senhora Tellier ao salão da *Library and Archives Canada* (LAC): atravessei a Wellington Street, empurrei as duas portas pesadas enquanto removia as luvas e o cachecol que protegia o rosto, identifiquei-me na portaria do *hall*, deixei alguns pertences no guarda-volumes e subi as escadas carregando os mais elementares numa sacola plástica transparente fornecida pelo guarda. Identifiquei-me na *Registration Desk*, fui direcionado à *Reference Room*. Identifiquei-me na Reference Room, fui instruído a aguardá-la sentado.

Assim como eu, a senhora Tellier, arquivista a quem fizera contato cinco meses antes, chegou pontualmente. Saudou-me, coletou minha assinatura em cada uma das dez folhas do *Restricted Access Form* que trazia consigo, concedeu as devidas permissões de acesso no sistema, agradeceu e me instruiu a subir mais um andar até a *Restricted Documents Room*. Mais uma vez, identifiquei-me a um arquivista na recepção da sala de documentos restritos, assinei o *Term Governing the Reproduction and Use of Material from the Collection of Library and Archives Canada*. Alguns minutos depois e já acomodado na sala de consulta, o mesmo arquivista viria ao meu encontro puxando um carrinho com dez dos 663 volumes que compõem o fundo da *Brascan Limited*.

Brascan foi o novo nome dado em 1969 à *Brazilian Traction, Light and Power Company*, mais conhecida no Brasil como Light. Sob salvaguarda da LAC, instituição equivalente a um misto das brasileiras Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional, o Fundo Brascan se estende por pouco mais de um século (1880-1987), compreendendo algumas centenas de metros lineares de registros textuais, fotografias e mapas vindos do antigo escritório central da empresa em Toronto, que por décadas teve a missão de “coordenar o processo decisório, as operações financeiras, as aquisições e as relações com os acionistas” (MCDOWALL, 2008, p. 18). Embora esteja sob salvaguarda da LAC, a autorização da Brascan continua sendo necessária para o acesso e reprodução da documentação com mais de quarenta anos de idade, enquanto aquelas com menos de quarenta anos não podem ser consultadas. A data e os detalhes da transferência dos arquivos da Brascan para a LAC me foram negados, mas os princípios que guiam a atual estratégia de aquisição adotada pela instituição são um indicativo da relevância do arquivo... para a história canadense. Conforme consta no site da LAC, são considerados documentos de importância nacional:

[...] aqueles que dão testemunho da experiência canadense, aqueles que influenciaram o desenvolvimento do Canadá, aqueles de amplo escopo nacional, aqueles que têm ou tiveram um impacto nas tendências e acontecimentos do país, e aqueles que ilustram a contribuição do Canadá às tendências e acontecimentos internacionais.<sup>2</sup>

Mas antes de acessarmos o *arkhê*, cabe destacar que a natureza dos documentos, o contexto em que foram criados, o esforço de transferência, preservação, monopólio e, finalmente, as restrições ao seu acesso até os dias atuais deixam claro que o arquivo em questão também é um assunto de Estado. Neste caso, a relação entre o arquivo consultado e a empresa objeto de estudo é evidente, mas aquela entre arquivo e Estado por vezes pode passar despercebida, por isso cabe reforçá-la desde o início: mesmo no caso canadense, apesar (e em razão) dos instrumentos que garantem a democracia burguesa, a gênese do Estado foi e continua sendo violenta. Uma violência melhor interpelada pelo alemão *Gewalt*, remetendo tanto à noção mais corrente de “violência” como também de “força legítima”, violência que pressupõe uma autoridade. E se, como avalia Jacques Derrida, o arquivo carrega consigo uma violência de origem, sabemos que o conceito de direito que assenta o Estado

---

<sup>2</sup> [Online] Disponível em: <https://www.bac-lac.gc.ca/eng/about-us/Pages/acquisition-strategy.aspx> . Acesso em 30 out. 2021.

moderno-colonial assim também o faz<sup>3</sup>. Diante do arquivo, a narrativa aqui elaborada, além de permeada por questões inerentes à empresa, também é interpelada pela experiência que estabeleci com a autoridade do Estado (e com o estar no) estrangeiro, que, apesar de calma, sempre se projetou sobre bases coercitivas<sup>4</sup>.

Ao me autorizar a começar o relato pelo primeiro dia no arquivo canadense, corro o risco de guardar no silêncio as vezes em que me mantive fora dele, cabendo mais um desvio para que a balança não pese (des)favoravelmente a um país ou instituição. Pois como afirma Maria Blassioli Moraes, são poucas as empresas brasileiras que mantêm e organizam seus arquivos, e ainda mais raras aquelas que o disponibilizam para a pesquisa pública (MORAES, 2008, p. 18). O arquivo da Light Rio, mantido pelo Instituto Cultural da Light no Rio de Janeiro, felizmente é uma exceção<sup>5</sup>, mas as consultas que fiz ali se restringiram à disponibilidade de um único arquivista que se dividia entre múltiplas tarefas e só podia me receber por no máximo quatro horas semanais. Da parte da multinacional Naturgy, responsável pela distribuição de gás encanado desde a privatização do serviço em 1997 e que, idealmente, acumularia os documentos mais significativos sobre a operação, sequer existem os meios para tal. Enquanto o antigo Museu do Gás segue fechado há mais de duas décadas, itens da sua coleção (que totaliza nada menos que cem mil documentos, quatro mil fotos e 300 peças) já foram vistos sendo vendidos na maior feira de antiguidades da cidade<sup>6</sup>.

Antes do ato que autoriza a passagem do público ao privado, Derrida nos lembra que não há arquivo sem seu exterior: no grego antigo, *arkheion* designa a morada do arconte, magistrado a quem se consigna o poder de unificação, identificação, classificação e interpretação dos documentos que compõem o *arkhê*. Pois ainda no Rio de Janeiro, compreendi que a mesma violência que funda e conserva o arquivo também é aquela que institui seus limites. Limites onde por vezes me situei devido à presença de uma barreira quase intransponível, de um *arkheion* excessivamente protegido, mas também devido à iminente possibilidade do apagamento - seja pela destruição do *arkhê*, pela demolição do *arkheion* ou pela queda do seu arconte. Em outras palavras, a história que antecede meu ingresso no arquivo canadense é, ao mesmo tempo, a história do fora e a sugestão de um negativo, daqueles que, frente à autoridade arcôntica (*violenta*, pois *legítima*) da empresa e do Estado, não acessei:

[Segunda-feira, 18 de setembro de 2017]

Prezado Sr, boa tarde. Ficamos gratos em tê-lo mais uma vez escrevendo sobre o assunto que foi um dos serviços prestados pela Light na sua área de concessão. Quanto à disponibilidade, para mim, nessa semana só poderei atendê-lo na sexta-feira, pois já tenho outras pesquisas agendadas.

[Segunda-feira, 25 de setembro de 2017]

---

<sup>3</sup> Ao analisar o texto *Zur Kritik der Gewalt* escrito por Walter Benjamin, Derrida afirma: "A fundação de todos os Estados advém numa situação que podemos, assim, chamar de revolucionária. Ela inaugura um novo direito, e o faz sempre na violência. Sempre, isto é, mesmo que não ocorram aqueles genocídios, expulsões ou deportações espetaculares que acompanham frequentemente a fundação dos Estados, grandes ou pequenos, antigos ou modernos, muito perto ou muito longe de nós" (DERRIDA, 2010, p. 83).

<sup>4</sup> Em suma, um dizer Arquivo que diz Estado, que por sua vez também diz de certas violências que alcançam o corpo daquele que escreve: um corpo branco, cisgênero, que adere à heteronorma, que domina as duas línguas oficiais do país hospedeiro, que foi formalmente convidado a atravessar sua fronteira territorial e ali permanecer por seis meses.

<sup>5</sup> Segundo Eulália Maria Lahmeyer Lobo, o acervo da Rio Light compreende "seis milhões de documentos manuscritos, 300 mil plantas, 1.346 volumes de recortes de jornais, 150 rolos de filmes e fotografias" (LOBO & LEVY, 2008, p. 20).

<sup>6</sup> [Online] Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/ceg-quer-criar-novo-museu-do-gas-recuperar-documentos-desviados-da-empresa-16581173>. Acesso em 29 out. 2021.

Boa noite. Infelizmente não será possível pra mim tanto na quinta nem tão pouco na sexta-feira a tarde. Agendaremos outra data na semana seguinte.

[Quarta-feira, 24 de outubro de 2017]

Bom dia. Essa semana fica difícil porque estamos recebendo um evento grandioso que está demandando total atenção nossa até o final da sexta-feira. Seria melhor marcarmos pra próxima segunda-feira. Aguardo a sua confirmação.

[Sexta-feira, 27 de outubro de 2017]

Boa noite. Surgiu uma demanda e terei que me deslocar até Nova Iguaçu na segunda-feira na parte da manhã para uma visita técnica de avaliação de acervo. Gostaria de remarcar a sua visita pra terça ou quarta-feira. O que me diz?

[Quinta-feira, 30 de novembro de 2017]

Boa tarde. Por causa de compensação de horas, não estarei na Light amanhã, estarei de folga. Sendo assim, sugiro transferir a visita para próxima semana entre segunda à quarta-feira. Aguardo o seu retorno.

[Segunda-feira, 15 de abril de 2019]

[...] infelizmente preciso desmarcar a sua pesquisa agendada para amanhã. Peço desculpas por desmarcar a sua pesquisa um dia antes do dia combinado.

**Figura 2:** Restricted Documents Room, Library and Archives Canada.  
Colagem com técnica de transferência de fotocópia.



Fonte: elaborado pelo autor.

**Terça-feira, 6 de fevereiro de 2018, 10h45.** Construído nos anos 1960, espaçoso, pé-direito alto, amplas janelas, toques de madeira clara, mármore polido cobrindo todos os pisos e paredes das circulações, carpetes nas salas de leitura, ferragens douradas e poltronas confortáveis. Uma vez dentro dessa caixa hermética, parece seguro sublinhar que o termo *arquivo* se refere simultaneamente ao conjunto de documentos e ao edifício que lhe serve de abrigo, inexistindo a possibilidade de acessá-lo sem a ritualística que o precedeu: um contrato de confiança foi estabelecido e uma autorização foi concedida por escrito; um encontro presencial foi agendado, a visita ao edifício ocorreu e os volumes físicos me foram entregues para que a reflexão finalmente chegasse ao que foi arquivado e aquilo (e aqueles) que, por algum motivo, não logrou em ocupar o mesmo status privilegiado.

Se o arkhê designa ao mesmo tempo *começo* e *comando*, ambos princípios originário (da natureza, da história) e nomológico (da lei) convergem na constituição de um sistema discursivo, ou seja, de um domínio do dito que também circunscreve o não-dito. Como é de se esperar, são muitos os registros expressando o desejo de que determinados documentos ingressassem no arquivo da Light. Por exemplo, em 1928, um extrato de notícia favorável à empresa foi remetido à presidência no Canadá essencialmente por manifestar uma visão positiva: “Visto que este artigo reflete sentimentos amplamente expressos por aqui [no Brasil], parece apropriado que ele entre no arquivo como um contraponto às críticas que aparecem na mídia com muito mais frequência”<sup>7</sup>. Por outro lado, rastros menos frequentes sinalizam ausências e indicam que o arquivamento também deve reprimir aquilo que ameaça seu *nomos*: “Conto com você para dar explicação verbal adicional, especialmente porque há alguns pontos que não deveríamos tratar em detalhe nas cartas enviadas por correio para o Brasil”<sup>8</sup>. Regime discursivo, questão de excessiva pressão - impressão, repressão e supressão.

Ao discutir os arquivos empresariais, Marcelo Antônio Chaves defende que a Light “é um caso raro de empresa no Brasil que demonstrou senso de preservação de sua memória institucional” e vê sua causa na “cultura herdada de origem” (CHAVES, 2017, p.19). Chaves se apóia em Maria Cristina Vitoriano e Telma Madio, que, ao analisarem a formação do arquivo da empresa em São Paulo, afirmam que sua cultura organizacional pioneira teve como reflexo:

[...] a formação, desde o início da empresa, de um arquivo bem estruturado que organizava e disponibilizava a documentação necessária. A existência de longas séries de documentos em diversas áreas da companhia, cobrindo todo o período de concessão da Light, demonstra a importância dada pelos administradores à informação e à prova legal. (VITORIANO & MADIO, 2015, p. 137)

Todo arquivar funda-se em uma promessa de conservação, e é justamente pela promessa que ele exerce continuamente sua habilidade de pôr algo sob reserva. Contrapondo-se à leitura corrente do “lugar de memória”, Jacques Derrida reforça que, antes de ser um suporte que registra o que já passou, o arquivo intervém na chegada do futuro. O arquivo *faz algo* à medida que se vale de um princípio econômico: guiado mais pela ânsia do acumulador de bibelôs do que pela astúcia do colecionador de obras raras, o acúmulo devém investimento e uma hora será recompensado.

Contornando as incertezas do presente, as boas leis que regem a casa também são aquelas que garantem o futuro da família. Em momentos distintos, dois exemplos ilustram a atribuição de valor dada a certas séries do arquivo empresarial. Para introduzir o primeiro exemplo, recorro a Maria Blassioli Moraes, que observou maior interesse dos pesquisadores por fotografias em detrimento de

---

<sup>7</sup> Carta de G. P. Conrad a Miller Lash (presidente), 28 dez. 1928. Brascan Fonds, vol. 92, 100.2 pt.2.

<sup>8</sup> Carta de A. Hutt a J. M. Bell, 13 maio 1937. Brascan Fonds, vol. 239, 560 pt.3.



outros tipos de registros da Light São Paulo, sob salvaguarda da Fundação Energia e Saneamento<sup>9</sup>:

Desde a formação da Fundação Energia e Saneamento, o acervo arquivístico foi aberto ao público, entretanto, um dos segmentos mais pesquisados no acervo eram as fotografias registradas pela antiga The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Ltd., atual Eletropaulo, e que registravam os trabalhos de instalação de iluminação pública, de linhas de bonde, entre outros serviços realizados na cidade de São Paulo e por sua vez, estas fotos datadas do início do século XX registraram as transformações sociais e urbanas. Estes documentos eram requisitados pelos pesquisadores para, sobretudo, ilustrarem seus trabalhos acadêmicos ou comerciais. Entretanto, estas imagens foram feitas para registrar e comprovar o trabalho realizado pelos diversos setores da empresa e compuseram relatórios anuais de atividades. As fotografias estão, portanto, diretamente conectadas aos documentos textuais e cartográficos, mas esta dimensão não era resgatada pelo uso que freqüentemente se fazia da imagem como mera ilustração. (MORAES, 2008, p. 19)

A afirmação de Moraes não deve servir para desqualificar estudos que recorram à experiência visual, mas para evidenciar a hierarquia dos sentidos também observada na produção acadêmica. Reconhecendo que a escolha da imagem sobre outras manifestações (textuais, plásticas, sonoras, etc.) é uma posição igualmente válida, interessa entender que a essa tomada de posição subsistem forças capazes de atribuir valores distintos aos documentos - ora conservando determinados segmentos sob condições vantajosamente especiais, ora excluindo outros menos “interessantes”, em ameaça aos princípios de organicidade e preservação da integridade da informação. Neste sentido, ressalta-se a Coleção Brascan Cem Anos no Brasil, composta por um conjunto de 15.780 imagens doadas pela empresa ao Instituto Moreira Salles, instituição cultural com atuação destacada no campo da fotografia. Ao ter sido intencionalmente desmembrado de um conjunto documental muito mais abrangente, o arquivo fotográfico da empresa se autonomizou e passou a compor a coleção de uma grande instituição privada inserida no mercado de arte brasileiro. Importante destacar que nesta transferência de guarda a natureza do arquivo também se altera, uma vez que seu repertório adquire maior valor monetário que de súbito passa a ser extraído na venda de direitos de uso e reprodução.

No segundo exemplo, nas negociações que buscavam dar origem a uma história da Light, o acúmulo tornado investimento também desponta. No final da década de 1940, frente às ameaças cada vez mais frequentes de nacionalização dos serviços de utilidade pública no Brasil, os dirigentes do grupo começaram a entrar em acordo sobre a importância de viabilizar esforços e recursos para uma publicação sobre a trajetória da empresa no país. Ainda que a empreitada levasse tempo para se concretizar, os argumentos e o teor daquilo que viria a ser publicado já haviam sido delineados:

Acredito que um registro deste tipo, enfatizando a enorme contribuição de inteligência imaginativa e construtiva bem como as grandes e corajosas somas de dinheiro, teria grande valor no Brasil frente a quaisquer situações difíceis que possam surgir entre a Companhia e as várias autoridades do governo, no nosso empenho em receber um reconhecimento justo pelo que fizemos.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> A Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo foi criada em 1998, fruto do esforço de preservação do patrimônio histórico pertencente às empresas paulistas de energia e gás frente ao processo de privatização do setor, iniciado em 1995.

<sup>10</sup> Carta a E.C.Fox (vice-presidente), 18 nov. 1949. Brascan Fonds, vol. 323, Troop: Working paper pt5.

Neste caso, fez-se do arquivo corrente<sup>11</sup> recurso para a história que precisava ser contada, garantindo que a missão social da empresa pudesse ser reconhecida (e valorada) na sua justeza. Além disso, graças a certa hierarquia dos lugares que pouco variou ao longo das décadas, acreditou-se que a maior parte do material a servir de referência para a elaboração do livro já se encontrava na sede da empresa. Uma vez que tal hierarquia dos lugares coincidiu com a hierarquia das decisões, o imperativo que concentrou a coordenação das escolhas mais sensíveis em Toronto também valeu para a construção do seu arquivo mais importante, fato que décadas depois ainda tornava secundária a necessidade de coletar informações nos escritórios brasileiros. Em uma espécie de princípio filiativo, o arquivo carregou consigo o DNA do seu patriarca, espectro que garantiu que determinada história fosse escrita por um historiador canadense desde a sede da empresa canadense, sem prejuízo para o público brasileiro: “Seria recomendável fazer uma viagem ao Brasil para ter uma imagem mais clara do panorama das operações da empresa. Mas o grande volume de material necessário estaria no arquivo em Toronto”<sup>12</sup>.

Em complemento ao que já se tinha em mãos, relatos inéditos elaborados pelos expatriados alargariam o arquivo da sede, preenchendo possíveis lacunas que viessem a surgir durante a escrita da história do grupo. Por outro lado, como se observou, a expansão do arquivo também poderia trazer informações excessivamente sensíveis à opinião brasileira. Imediatamente, a carta sinalizou que não havia qualquer impasse até ali, atribuindo ao arconte a tarefa de mediar o trânsito de informações que excedem o domínio do privado rumo ao público e vice-versa:

Com relação à sua observação sobre o desejo de fazer certos comentários... estou completamente de acordo que aquilo que for escrito para publicação deve ser adequado para circular no Brasil [...]. Qualquer questão que possa ser ofensiva para o Brasil seria extremamente perigosa, para não dizer de mau gosto. Por outro lado, não acho que seria necessário escrever dois livros diferentes. Se prepararmos uma história preenchendo um esqueleto de trabalho como mencionado anteriormente, os capítulos elaborados por autores diferentes, sem dúvida redundantes em vários casos, **poderiam permanecer no arquivo da companhia em Toronto e, sendo de caráter estritamente confidencial, poderiam conter todos os comentários sórdidos que desejamos!** Caberia apenas ao escritor-fantasma ou aos editores verificar se os dados a serem publicados foram filtrados corretamente.<sup>13</sup>

Aqui também se evidencia certa dimensão antecipatória do arquivo que garante *a priori* a proteção daquilo que será registrado, potência virtual que age antes mesmo do registro ocorrer. Mais além, ao fornecer segurança ao processo, o arquivar é capaz de intervir na própria lógica que guia a escrita. Nesta operação que tanto produz quanto registra o evento, nenhum esforço excessivo de impressão é automaticamente rejeitado, nem mesmo aquele que coloca em questão a narrativa idônea construída pela empresa. Ainda que não passe pela consignação do intérprete-editor disposto a levá-lo a público, o registro encontrará seu lugar no íntimo inconfesso do arquivo - e por tempo indeterminado.

Igualmente, se no arquivo há acúmulo, é antes acúmulo de fragmentos, haja vista o esforço hercúleo mobilizado para classificá-los – esforço que gera ambiguidades, redundâncias e lacunas. No arquivo

---

<sup>11</sup> Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, arquivo corrente é “o conjunto de documentos em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete a sua administração” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 29). O arquivo corrente (primeira idade) opõe-se ao arquivo permanente (terceira idade), que em função de seu valor histórico deve ser preservado em caráter definitivo.

<sup>12</sup> Carta de John Stevenson a Henry Borden (presidente), 19 out. 1949. Brascan Fonds, vol. 323, Troop: Working paper pt. 5. Grifos meus.

<sup>13</sup> Carta de J.M.Bell a Col. Walter Gow, 13 set. 1948. Brascan Fonds, vol. 323, Troop: Working paper pt. 5. Grifos meus.

em questão os fragmentos estão indexados por data, assunto, tipo, indivíduo, empresa subsidiária, nível de sigilo, pela soma deles ou justamente por tudo aquilo que lhes escapa. Tal como diz Jorge Luis Borges ao apresentar sua enciclopédia chinesa de animais<sup>14</sup>, é preciso reconhecer que a classificação do universo é sempre arbitrária e conjectural. No entanto, seja na sua enciclopédia ou no arquivo empresarial aparentemente mais lógico, o desafio que se coloca não consiste propriamente em imaginar e validar as classificações que porventura surjam. Mais difícil é encontrar um lugar possível para que elas se avizinhem<sup>15</sup>. Desde a linguagem, todo arquivo coabita sua própria ameaça classificatória.

E mesmo quando se esquia da ameaça, o arquivo continua sendo rastro daquilo que jamais se completa. Da convergência de pressões muitas vezes conflitantes, apesar de se dizer total, o arquivo é irreduzível à unidade. A cada indicativo de "segredo" a ser descoberto aumentam as chances de que, ao virar a página, a numeração descontinue, o assunto seja interrompido bruscamente, o anexo falte, a série termine, uma grafia indecifrável apareça, uma vizinhança impossível se aproxime. Frente aos argumentos que explicam o fato ora por uma falha na estrutura de ordenamento, ora por um esforço intencional de supressão (seja ele originário ou processual), impera a certeza de que só se arquivava e desarquivava parcialmente.

Mas se o arquivar-desarquivar é parcial, nem por isso ele cessa de abrir caminhos. Entendido como um projeto, o *tentar* envolve a habilidade de manejar ferramentas que, por sua vez, sempre incidem de forma circunstancial e situada. Sem as amarras de um método transcendente, o arquivar-desarquivar só ganha duração se, através da persistência de certas técnicas e encontro com outras novas, for capaz de sustentar um engajamento inventivo prático, sintonizando a sensibilidade à formulação de questões que só se interpõem no processo. Na busca e pela busca, no meio e pelo meio, o olhar deve estar em reposicionamento permanente.

Na distância que se estabelece entre aquilo que se busca e o que porventura se encontra, recusar a lógica da falta se revela estratégico à medida que nos protege de certo impulso paralisante correlato à acumulação primitiva capitalista, responsável por gerar escassez naquilo que é abundante<sup>16</sup>. E se a ansiedade sinaliza a eterna distância, a eterna falta de algo extraordinário, o mergulho que deseja e experimenta é capaz de trazer à superfície um excesso de fragmentos: fluxos de traduções, manuscritos, extratos de jornais, telegramas codificados, rascunhos e cartas e projetos e... bloco de sensações intensivas, sem desfecho ou finalidade aparente. Dessa experiência e a cada impasse, a medida do arquivo nos ensina sobre a potência do fragmento. Jamais total ou universal, fragmento que afirma a multiplicidade enquanto arquivava a  $n - 1$ , como dizem Deleuze e Guattari, numa soma que nunca reúne suas partes num todo:

Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos. Já não acreditamos nesses falsos fragmentos que, como os pedaços de uma estátua antiga, esperam ser completados e reagrupados para comporem uma unidade que é, também, a unidade

---

<sup>14</sup> Na enciclopédia chinesa borgiana, os animais se dividem em: "(a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcetera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas" (BORGES, 1999, p. 94).

<sup>15</sup> Cf. FOUCAULT, 2016.

<sup>16</sup> "A falta é arrumada, organizada, na produção social. É contraproduzida pela instância de antiprodução que se assenta sobre as forças produtivas e se apropria delas. Ela nunca é primeira: a produção nunca é organizada em função de uma falta anterior; a falta é que vem alojar-se, vacuolizar-se, propagar-se de acordo com a organização de uma produção prévia" (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 45).

de origem. Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer numa totalidade de destinação. Já não acreditamos na grisalha de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços arredondando suas arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se junta a elas como uma nova parte composta à parte. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 62)

A atenção ao fragmento também é capaz de despertar a reflexão sobre a violência que opera não só na fundação do arquivo, mas também no treinamento disciplinar do pesquisador, legislando sobre o quê e até onde é possível desarquivar. De um conjunto tão amplo de correspondências que cobrem temas cruciais à trajetória da empresa, o que sugere, por exemplo, a presença à primeira vista tímida (e jamais em primeira pessoa) dos trabalhadores da Light? Que lugar no arquivo ocupam os motoneiros que conduziam os bondes e os operários da fábrica de gás, ambos partícipes de organizações pujantes durante as primeiras décadas do século XX (SANTOS, 2009)? Em impulso à questão trazida por Gayatri Spivak, arrisca-se: no arquivo da empresa canadense sob salvaguarda do Estado estrangeiro, pode o subalterno falar ao pesquisador brasileiro?

Se, segundo Spivak, o trabalho arquivístico e historiográfico é uma tarefa de medir silêncios (SPIVAK, 2014, p. 82), no arquivo em questão abundam fragmentos que indicam que a questão também merece ser formulada não só com vistas à “consciência” do sujeito subalterno ou à “restituição” da sua palavra, mas, sobretudo, desde a capacidade do pesquisador em conseguir escutá-los. Recolhendo o suplemento do texto, trata-se de uma escuta inesgotável se feita com atenção, potência de um arquivo que jamais se fecha: “É sempre possível reinterpretar um arquivo. E esta estrutura 'orientada para o futuro' do arquivo é precisamente o que nos confronta com uma responsabilidade, uma responsabilidade ética e política” (DERRIDA, 2002, p. 46). Se todo arquivar parte de uma urgência de conservação, a responsabilidade também nos convoca a responder escutando e escutar respondendo ali, diante do silêncio dos vencidos anarquivados que, embora desautorizados a ingressarem na morada do arconte pela porta principal, ainda assim estão presentes. Se, como afirma Achille Mbembe (2002), o arquivo tem a capacidade de instituir um imaginário, que imaginário aquele que desarquiva está disposto a escutar?

Em “Lugares de memória”, Pierre Nora sinaliza a expansão vertiginosa dos arquivos na sociedade contemporânea, afirmando que sua produção se tornou imperativa da nossa época. Para o autor, em um mundo cada dia mais dessacralizado, a promoção da história (entendida como representação do passado) ocorreria em prejuízo à faculdade da memória espontânea (fenômeno atual, vivo) exercitada pelas comunidades tradicionais. Nora enxerga neste movimento a multiplicação de lugares de memória, uma vez que “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14). O arquivo seria por excelência um lugar de memória, pois, diferente da memória espontânea, a memória arquivística seria o reflexo do impulso que provê proteção ao acumular vestígios, desfazendo o *homem-memória* enquanto multiplica seus lugares:

“[...] nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que se dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio”. (NORA, 1993, p. 15)

Respondendo à formulação de Nora, caberia mobilizar a cisão freudiana trazida por Derrida entre arquivo e memória. Pois mesmo se houver memória no arquivo, ali coexistem outras forças que não se restringem a ela. Em complemento, se aproximarmos o vestígio trazido por Nora da leitura de fragmento elaborada por Deleuze e Guattari, mais uma vez, reforça-se a chave positiva (e produtiva)

que lhe é conferida. Pois assim como o arquivo não é apenas memória, o fragmento também não é em si algo negativo; assim como a memória não é uma força unívoca que nomeia o arquivo, a coleção de fragmentos também pode servir de trampolim ao devir. E se, frente à expansão *vestigiosa* do arquivo, ao invés, também se acelerassem as oportunidades para o salto?

Não obstante, Nora deixa uma fresta entreaberta ao afirmar que “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22). A exemplo das incursões mais recentes feitas pelo campo artístico (ROLNIK, 2011; FOSTER, 2004), do potencial de difusão inaugurado pelos arquivos digitalizados ou nascidos em ambientes informatizados, daqueles apropriados por agendas ativistas até os documentos de Estado vazados de forma anônima em plataformas externas aos círculos burocrático-acadêmicos, a virada arquivística mais parece revelar uma traição. Trai-se o arquivo, produz-se diferença: o sólido eixo radicular da instituição e do arquivista por onde tudo deveria girar cede cada vez mais lugar a um emaranhado de práticas que, ao invés de fazerem o arquivo desaparecer, prolongam seu escopo e ampliam seu horizonte de possibilidades.

Felizmente, nada é menos garantido, “nada é menos claro hoje em dia que a palavra arquivo” (DERRIDA, 2001, p. 117). Na traição, sem garantias e parafraseando Walter Benjamin, talvez seja preciso escovar o arquivo à contrapelo para gerar um mal capaz de perturbar, momentânea ou permanentemente, a autoridade do seu princípio arcôntico (da lei, do Estado, da instituição), potencializando a capacidade arquiviolítica que o arquivo tem de agir contra si mesmo – instaurando a crise, traçando uma linha de fuga, reinscrevendo e colocando o próprio conceito (ou a possibilidade de um conceito) de arquivo à prova.

Não obstante, arquivar é insistir nos efeitos do *pharmakon*, inclusive naquilo que há de perturbador. Ali onde abundam fragmentos, onde insisto numa vontade de memória e verdade, numa ordem obsessiva de classificação e reprodução que agem enquanto consulto, lanço palavras estrangeiras no tradutor, separo a página, fotografo, transcrevo e anoto a referência, imerso na formulação da minha própria trama arquivística. Contra os olhos vermelhos, o sono do anti-histamínico e a dor na lombar, vontade que age à medida que insisto à exaustão, em última instância, no *páthos* que perturba e encanta. De súbito, uma descoberta que me atinge, faz sorrir e continuar insistindo.

**Terça-feira, 6 de fevereiro de 2018, 18h.** Termino meu primeiro dia de consulta. Antes de me levantar da cadeira, espano com a palma da mão a superfície da mesa, espalhando os vestígios de papel picado que, apesar do extremo cuidado, se rasgam no mais leve toque. Olho para a câmera de vigilância que me observa, observo os outros que partilharam comigo essa jornada de insistência silenciosa. Arrasto o carrinho vazio para o canto da sala, deixo o último volume que consultei na estante de itens a retornar. Chamo o guarda, acomodo em dois armários as cinco caixas que restaram, agradeço e me despeço. Desço as escadas, esvazio o guarda-volumes, devolvo a chave e a sacola transparente na recepção. Protejo o rosto com o cachecol e coloco as luvas enquanto me preparo para abrir a primeira porta pesada rumo à Wellington Street. E lá estaria, novamente, no interior dessa mesma caixa hermética, às nove horas da manhã do dia seguinte e nas visitas que se seguiram, alternando o olhar entre os papéis dispostos à minha frente e a paisagem que se descortina pela janela.

### 3. Insistir na cidade

**Abril de 2017.** Durante pouco mais de um mês, duas gruas se alternaram na desmontagem silenciosa do último tanque de armazenamento de gás que restava da fábrica de gás na Zona Portuária do Rio de Janeiro, inaugurada em 1911 (Figura 3). Sem manchete nos jornais, sem alarde e como num passe de mágica, sua presença física imponente desapareceu. Fruto prometido pelo profícuo diálogo outrora estabelecido entre governos e mercado, a revitalização que há duas décadas vem sendo insistentemente prometida para a área central carioca ainda não deslanchou, mas a destruição, mais uma vez, se apressou em deixar suas marcas na paisagem. Marcas de um dizer arquivo que diz Estado e Empresa, que por sua vez também diz de certas violências.

**Figura 3:** maio de 2017, processo de desmontagem do tanque do Gasômetro de São Cristóvão.



Fonte: elaborado pelo autor.

**Junho de 2019.** Dos registros dos antigos tanques do Gasômetro coletados ao longo da pesquisa, desarquivo um específico, tomado no momento da inauguração da fábrica. Amplio a fotografia e com ela confecciono uma tela de serigrafia. Exercendo as devidas pressões, reproduzo a fotografia em distintos suportes físicos. Experimento, calculo a força que deve ser transferida nas passadas da espátula cheia de tinta sobre a tela, observo o pigmento preto que atravessa seus vazados e adere ao papel branco, seleciono as melhores reproduções, mais uma vez, imerso na formulação da minha própria trama arquivística.

De volta à cidade, que imaginário aquele que arquiva está disposto a acionar? Percorro alguns dos pontos que outrora compunham a rede carioca do gás até chegar à Zona Portuária, no terreno onde sua maior fábrica funcionou, desativada há quase duas décadas. Levanto o tanque (Figura 4).

**Figura 4:** junho de 2019, processo de remontagem do tanque do Gasômetro de São Cristóvão.



Fonte: elaborado pelo autor.

Sua presença física imponente enfim ressurgiu, dessa vez desencaixada da paisagem, fora do seu devido tempo, escala e lugar. Instável, a imagem sai do arquivo e retorna à cidade por alguns instantes. Fotografo, confiante de que todo arquivar se funda em uma promessa de conservação. Transformo o gesto em imagem, acrescentando uma nova página ao arquivo. Contra o corpo cansado, o barulho dos carros e o sol escaldante, desejo que age à medida que insisto à exaustão, em última instância, na cidade que perturba e encanta. No fluxo, impulso de um corpo vivo pois excessivamente quente, talvez febril. Sintoma do mal de arquivo:

É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprímível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhum desejo, nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum mal-de, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está já com mal de arquivo. (DERRIDA, 2001, p. 119)

#### 4. Agradecimentos

Agradeço ao Instituto Light e à Brookfield Asset Management, responsável pelo acervo empresarial Brascan Fonds sob salvaguarda da Library and Archives Canada em Ottawa, Canadá. Agradeço também pela acolhida da professora Anne-Marie Broudehoux durante o estágio de pesquisa na École de Design da Université du Québec à Montréal, ocorrido de janeiro a junho de 2018 e tornado possível pelo programa ELAP. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



## 5. Referências

- ABREU, M. de A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iplanrio, 1988.
- ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BORGES, J. L. **Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2**. São Paulo: Globo, 1999.
- CHAVES, M. A. Arquivos empresariais como fonte para a produção da História. **Revista de Fontes**, n. 7, 2017-2, pp. 15-24.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, J. Archive Fever (A seminar by Jacques Derrida, University of the Witwatersrand, August 1998, transcribed by Verne Harris). In: HAMILTON, C. et al. (org.) **Refiguring the Archive**. Cape Town/Dordrecht: David Philip/Kluwer Academic Publishers, 2002.
- DERRIDA, J. **Força de Lei**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOSTER, H. An Archival Impulse. **October**. Vol. 110, 2004, pp. 3-22.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- LAMARÃO, S. Capital privado, poder público e espaço urbano: a disputa pela implantação dos serviços de energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro (1905-1915). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 29, 2002, pp. 75-96.
- LOBO, E. M. & LEVY, M. B. **Estudos sobre a Rio Light**. Rio de Janeiro: Instituto Light / Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2008.
- MACHADO, B. A. Cidade, mercado e memória: o Gasômetro de São Cristóvão no apagar das luzes olímpicas. In: BROUDEHOUX, A. & MENDES, M. (Org.). **10 anos de Porto Maravilha: do projeto de renovação à construção de um novo espaço de exclusão**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019, pp. 340-364.
- MBEMBE, A. The power of the archive and its limits. In: HAMILTON, C. et al (org.) **Refiguring the Archive**. Cape Town/Dordrecht: David Philip/Kluwer Academic Publishers, 2002.
- MCDOWALL, D. **Light: a história da empresa que modernizou o Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- MORAES, M. B. Políticas de acesso e programas de divulgação dos arquivos do setor energético paulista. In: **Anais do III Encontro de Arquivos Científicos**. Rio de Janeiro: MAST, 2008.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: n. 10, dez. 1993, pp. 7-28.
- ROLNIK, S. Arquivo-mania. **Cadernos de Estudos Culturais**, vol. 3, n. 5, 2011, pp. 129-139.
- SANTOS, J. M. P. **Os trabalhadores da Light São Paulo, 1900-1935**. Tese de doutorado - IFCH/UNICAMP. Campinas, 2009.
- SEABRA, O. C. de L. **Os meandros dos rios nos meandros do Poder**. Tietê e Pinheiros: valorização





dos rios e das várzeas na cidade de Paulo. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/ USP, 1986.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SZMRECSÁNYI, T. Resenha de: MCDOWALL, D. *The Light: Brazilian Traction, Light and Power Company Limited 1899-1945*. Toronto: University of Toronto Press, 1988. **Business History Review**, vol. 63, n. 2, 1989, pp. 444-445.

VITORIANO, M. C. de C. & MADIO, T. C. C. Uso e funcionalidade de arquivos empresariais do setor elétrico em São Paulo: o caso Light. **Labor & Engenho**, vol. 9, n. 1, jan/mar. 2015, pp. 135-143.

WEID, E. **Chegada e expansão da Light no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FCRB / 7 Letras, 2017.

### **Bruno Amadei Machado**

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (EAU/UFF), especialização em Sociologia Urbana (UERJ) e mestrado em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR - UFRJ), tendo realizado estágio de pesquisa na École de Design da Université du Québec à Montréal (UQÀM). Integra o Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC - IPPUR/UFRJ). Atualmente é professor substituto do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente da FAU-UFRJ.

Como citar: MACHADO, Bruno Amadei. Pensar o arquivo, insistir na cidade. *Revista Paranoá*. n.32, jan/jun 2022. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.09

Editoras responsáveis: Maria Cristina da Silva Leme, Daniela Ortiz, Liz Sandoval e Carolina Pescatori.